

INFLAÇÃO

INFORME SETORIAL

‘Proteção contra a inflação voltou a ter relevância’

Marco Caruso Aumento de preços incentiva os investimentos em renda fixa, diz economista-chefe do Banco Original.

O Estado de S. Paulo.

Segurança ‘A renda fixa tem o papel de proteger da inflação, que é o mínimo que se espera de um investimento’.

A oitava e última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) em 2021, realizada em 8 de dezembro, definiu a Selic a 9,25% ao ano. O aumento de 1,5% tem impacto direto nos investimentos.

Para Marco Caruso, economista-chefe do Banco Original, a volatilidade dos juros ao longo do ano reforça a necessidade de cumprir o perfil de risco de cada investidor. Para evitar grandes surpresas na rentabilidade, o segredo, segundo ele, é seguir a lição elementar de diversificar o portfólio.

“Quando investimos, estamos sempre lidando com o futuro e nunca sabemos exatamente o que vai acontecer. O melhor jeito é aceitar que você não tem total ciência do que está vindo e repercutir na diversificação”, diz o economista. Confira os principais trechos da entrevista:

A Selic fecha o ano perto de 10%. É uma surpresa para o mercado?

A depender do momento que comparamos, sim. Se olharmos para o fim do

ano passado, quando a inflação começou a subir, tínhamos uma Selic praticamente estável prevista para o ano todo, mas começamos a revisar para cima. Nesse momento, imaginar que em cerca de um ano teríamos dois dígitos, seria, sim, uma surpresa. Por outro lado, partindo do segundo semestre deste ano, deixou de ser.

O que muda nos investimentos com a taxa de juros perto dos dois dígitos?

Há dois anos, vi assessores de investimentos indicando que a renda fixa estava “morta” e que todo mundo deveria contemplar a renda variável. Voltando a uma Selic de dois dígitos, a renda fixa volta a ficar atraente. O que muda é a proporção de renda fixa em relação à variável. Além disso, a proteção contra a inflação, que sempre foi importante nas carteiras, estava perdendo um pouco de relevância de 2016 até 2019 e voltou a ser essencial. Os ativos pós-fixados voltaram. O prefixado, por enquanto, ainda não tem grande destaque, mas, quando o BC começar a sinalizar a estabilidade dos juros, ele volta a entrar no radar. Basicamente, o que temos é um rebalanceamento em direção àquela velha carteira em que a renda fixa tinha um peso razoável.

Pensando nessas mudanças, como o investidor deve lidar com investimentos de renda variável? Existem oportunidades?

A renda variável ainda tem o seu papel. O que buscamos sempre salientar é que na pandemia as grandes empresas não foram tão mal. As empresas mais fortes ficaram mais fortes. Os resultados delas foram muito bons. Por outro lado, existe bastante volatilidade. A pessoa deve ser clara consigo mesma sobre o quanto de risco ela está disposta a tomar e adequar isso ao tamanho da participação da renda variável na carteira, que deve ser consistente com os objetivos do investidor. A renda fixa tem o papel de proteger da inflação, que é o mínimo que se espera de um investimento. Em um segundo momento, se espera um ganho de capital que, em geral, é

proveniente da renda variável. Minha sugestão para quem tem renda variável é entender que esse é um investimento que, em janelas curtas de tempo, pode ter resultados negativos, mas ao longo do tempo, geralmente, é de onde vem o verdadeiro ganho. Claro, respeitando o perfil desde o conservador ao agressivo.

Como proteger os investimentos?

Sugiro pelo menos duas classes de ativos para esse objetivo de proteção que não deveriam faltar em qualquer carteira. Uma delas é o pós-fixado, que já permite algum ganho com o CDI (Certificados de Depósito Interbancário) e traz uma proteção de curto prazo. Em um segundo momento, outra meta é tentar buscar um ganho de capital. A proteção pode ser feita com títulos que pagam o IPCA mais uma taxa de juros. Esses papéis deveriam estar presentes em carteiras de qualquer perfil de investidor.

Quais investimentos deveriam entrar na carteira agora?

Além dos dois apontados acima, se olharmos para Bolsa existem setores que podem ser mais interessantes em um ano que pode ter turbulências extras. O primeiro deles é o bancário. É um segmento tradicional que vai bem em cenário de juros altos. Outro setor é o de utilities (serviços públicos), que é bom pagador de dividendos, como companhias ligadas a saneamento e energia elétrica. Em geral, essas ações têm menos volatilidade porque os resultados não têm grandes oscilações. Uma terceira opção, para quem tem apetite mais apimentado, são os setores ligados a serviços presenciais como varejo e transporte aéreo. São setores que ainda estão sofrendo e ficam reféns da atividade econômica fraca.

Núcleo de Inteligência – Sedet **Edição 316 - Em 15 de dezembro de 2021**

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.